



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após início de obras do PAC no MS, lançamento do Caminho da Escola, entrega de telecentros e visita às obras do bairro Vila Popular

Campo Grande-MS, 18 de março de 2008

Presidente: Primeiro, a alegria de poder chegar a uma cidade e ouvir da boca do prefeito, ouvir da boca do governador, que em função das obras do PAC conveniadas entre o governo federal, o governo estadual e o governo municipal, Campo Grande será a primeira capital brasileira a não ter favela. Isso é uma alegria extraordinária.

O PAC tem como prioridade, nas áreas de saneamento básico e urbanização de favelas, as regiões metropolitanas do País. E os anúncios que nós fizemos hoje, em Campo Grande, nós estamos fazendo nas 27 capitais brasileiras, em todas elas. Do Oiapoque ao Chuí, nós estamos anunciando obras nas grandes cidades, estamos anunciando muitas obras nas comunidades indígenas, estamos anunciando muitas obras nas comunidades quilombolas. São 4 bilhões de reais, com os quais – uma boa parte – nós vamos atender cidades com até 10 mil habitantes que tenham doença de Chagas e alto índice de mortalidade infantil. E com uma parte, nós vamos atender 90% das comunidades indígenas e 50% das comunidades quilombolas.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Primeiro, não tem ameaça do Congresso.

Jornalista: O que que o governo aceita (inaudível)?



Presidente: Veja, eu acho que o Congresso tem que trabalhar de uma forma com que o Congresso se sinta bem. A medida provisória, quando foi instituída no Congresso Nacional, na Constituinte de 88, ela veio porque todos nós estávamos cansados de decreto-lei. Qualquer deputado e qualquer senador sabe que é humanamente impossível você governar se não tiver medida provisória, porque o tempo e a agilidade com que as coisas precisam acontecer, muitas vezes, são mais rápidos que o tempo das discussões democráticas que são necessárias acontecer no Congresso Nacional.

De forma que eu estou convencido de que a idéia da Câmara e do Senado de debater isso é porque eles querem encontrar uma forma melhor de compatibilizar as necessidades do governo e as necessidades da própria tomada de decisão do Congresso Nacional.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Vai continuar. Veja, eu quero ser companheiro do Puccinelli, quero ser companheiro do Nelson, quero fazer aquilo que todo governo republicano faz: não olhar a cara do parceiro, olhar a cara do povo e, em função do povo, você fazer as coisas.

(\$31EGJLP)